

Banda Sinfónica Portuguesa

19 Feb 2017
12:00 Sala Suggia

—
INVICTA.MÚSICA.FILMES

Francisco Ferreira *direcção musical*

John Williams (arr. Johan de Meij)

Star Wars Saga (1977/1987; c.13min)

John Williams (arr. Ton van Grevenbroek)

E.T. (1982; c.16min)

Johan de Meij

The Lord of the Rings, Sinfonia n.º 1 (1987; c.40min)

1. *Gandalf (O Mago)*
2. *Lothlórien (O Bosque dos Elfos)*
3. *Gollum (Sméagol)*
4. *Viagem nas Trevas*
 - *As Minas de Moria*
 - *A Ponte de Khazad-Dûm*
5. *Hobbits*

Este concerto da Banda Sinfónica Portuguesa, inserido no festival *Invicta.Música.Filmes*, foca a música de uma figura fundamental de Hollywood, autor de variadíssimas bandas sonoras para filmes que se tornaram êxitos de bilheteira. A lista é arrebatadora e passa por títulos como *Indiana Jones*, *Jurassic Park*, *Jaws*, *Harry Potter*, *Superman*, *JFK*, *Nixon*, *Schindler's List*, *Saving Private Ryan* e muitos, muitos outros – além de, é claro, a saga *Star Wars* (sete filmes) e *E.T.* John Williams nasceu em 1932, em Nova Iorque, e foi nomeado 50 vezes para os Óscares, tendo ganho cinco estatuetas. Associou-se nos anos 70 a dois realizadores que se tornariam icónicos, e que assinaram os dois filmes que são evocados no início deste concerto.

A série de filmes *Star Wars* de George Lucas começou em 1977 e inclui a trilogia original, terminada em 1983, a segunda trilogia produzida entre 1999 e 2005 e uma nova, cujo primeiro filme estreou em Dezembro de 2015 e que prossegue em 2017 e 2019 (além de um filme de animação em 2008 e uma série televisiva). O tema principal composto por John Williams para *Star Wars* é sem qualquer dúvida uma das partituras mais identificáveis e poderosas da história do cinema. A banda sonora passa por uma grande variedade de estilos, destacando-se especialmente uma relação com o romantismo tardio de Richard Strauss. Alguns autores têm apontado também pontos de contacto com os estilos de compositores como Holst, Prokofieff e Stravinski, para além de uma associação a Wagner no que respeita ao uso da técnica do *leitmotif* – a criação de temas específicos que se identificam com determinadas personagens e vão ressurgindo ao longo do enredo. O arranjo de Johan

de Meij mantém o monumentalismo da obra original e passa, naturalmente, pelo Tema principal do filme, mas também pelos temas de Yoda e da Princesa Leia, e ainda por “May the force be with you”.

Bem diferente é a música criada pelo mesmo John Williams para um outro grande êxito do cinema, o filme de Steven Spielberg *E.T. – O Extraterrestre*, de 1982. O autor deste arranjo é o holandês Ton van Grevenbroek (1959), trompetista e maestro com forte presença no universo das bandas de sopros. O desafio proposto a Williams era o de criar uma banda sonora que desse origem a uma sensação de simpatia pelo ser extraterrestre, uma intenção que atravessa também todo o enredo do filme. O compositor explora a politonalidade – uso de duas tonalidades sobrepostas que resulta numa sonoridade harmónica mais áspera – e assume uma atitude modernista que se enquadra no ambiente de mistério e misticismo. Curioso será notar que a total identificação de Spielberg com a linguagem do compositor o leva mesmo a adaptar a edição do filme à música já escrita: a perseguição final que vemos no final do filme foi adaptada à partitura de Williams, porque Spielberg a considerou tão perfeita que não quis que sofresse qualquer alteração.

O programa termina com uma história que deu origem a uma série de filmes de grande sucesso, entre 2001 e 2003: *O Senhor dos Anéis*. Mas a obra que vamos ouvir é bastante anterior a esta série, baseando-se sim no romance original de J.R.R. Tolkien, publicado em três volumes entre 1954 e 55 e uma das obras mais lidas do século XX, com mais de 160 milhões de cópias vendidas em mais de 40 línguas. O autor, Johan de Meij (1953), nasceu em Voorburg, na Holanda, e estudou no Conservatório Real de Haia. Esta obra intitulada precisamente *The Lord of the Rings* foi a sua Primeira Sinfonia, e também a sua primeira peça para orquestra de sopros, escrita entre 1984 e 87 e estreada em Bruxelas no ano seguinte. Deu-lhe o Prémio Sudler de Composição (Chicago) e foi depois interpretada por inúmeros agrupamentos de alto nível, na versão original e na versão sinfónica – esta estreada em 2001.

Cada um dos cinco andamentos da Sinfonia ilustra uma personagem ou um episódio importante da obra. O tema principal é o Anel, criado por forças primevas que decidem os destinos do mundo, sejam a sua segurança ou a sua destruição. Na posse de Gollum durante longos anos, o Anel cai porém nas mãos dos hobbits, despertando as forças do mal e dando início à disputa pela sua posse. A única salvação é a destruição do Anel pelo fogo no qual ele foi forjado. Esta tarefa é atribuída ao hobbit Frodo, assistido pela Irmandade do Anel sob a liderança do mago Gandalf e da qual fazem parte também os hobbits Sam, Peregrin e Merin, o anão Gimli, os elfos Legolas, Boromir e Aragorn – mais tarde Rei. Estes são seguidos secretamente por Gollum, que

não olha a meios para recuperar o Anel, mas acabam por se separar depois de muitas aventuras.

1. *Gandalf (O Mago)* – O primeiro andamento é um retrato musical do mago Gandalf, uma das personagens principais da trilogia. A sua sabedoria e nobreza é ilustrada por um motivo imponente, retomado depois de forma diferente nos andamentos 4 e 5. A súbita abertura do *Allegro vivace* é um sinal da sua imprevisibilidade, seguindo-se uma corrida desenfreada no seu belo cavalo Shadowfax.

2. *Lothlórien (O Bosque dos Elfos)* – O segundo andamento é uma representação de Lothlórien, o bosque dos elfos com as suas belas árvores, plantas e pássaros exóticos, ilustrados por solos dos sopros de madeira. O encontro do hobbit Frodo com a rainha Galadriel dá-se num encantador *Allegretto*; no Espelho de Galadriel, um reservatório de água prateado no bosque, Frodo tem três visões, ficando especialmente incomodado com a última: um Olho grande e agoirento.

3. *Gollum (Sméagol)* – O terceiro andamento descreve o monstro Gollum, viscoso e tímido, representado pelo saxofone soprano. Resmunga e fala consigo próprio, com silvos e murmúrios, lamúrias e relinchos, revelando-se alternadamente miserável ou malicioso, sempre em fuga e procurando o seu estimado tesouro, o Anel.

4. *Viagem nas Trevas* – O quarto andamento descreve a viagem atribulada da Irmandade do Anel, encabeçada pelo mago Gandalf, pelos túneis escuros das Minas de Moria. As passadas lentas e o medo são claramente audíveis no ritmo monótono dos metais graves, piano e percussão. Após uma perseguição por criaturas hostis, os Orks, Gandalf envolve-se numa batalha com um monstro horrível, Balrog, e cai da ponte subterrânea de Khazad-Dûm num abismo insondável. Com a melancolia de uma Marcha Fúnebre, os companheiros perplexos caminham penosamente, procurando a única saída das Minas, a Porta Oriental de Moria.

5. *Hobbits* – O quinto andamento ilustra o carácter descontraído e optimista dos hobbits numa dança popular alegre; o hino que se segue emana a sua determinação e nobreza. A sinfonia não termina com exuberância, mas sim de forma pacífica e resignada, mantendo o espírito simbólico do último capítulo, no qual Frodo e Gandalf, navegam num navio branco que desaparece lentamente para lá do horizonte.

Francisco Ferreira *direcção musical*

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos Conservatórios de Música do Porto e de Limoges (França) e pela Escola Superior de Música de Lisboa com as mais altas classificações. Teve o mérito de desenvolver em Portugal uma importante classe de saxofone, na área do clássico, com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais. Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direcção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Rafael Pascual Vilaplana, concluindo em 2007 o Mestrado em Direcção de Orquestra no Conservatório Real Holandês em Maastricht.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso “Ouvir e Falar” da responsabilidade do Maestro António Victorino d’Almeida, apresentado pela RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, Ásia e Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, Orquestra Clássica do Porto e da Madeira, Banda Sinfónica Portuguesa, Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, Banda de Curitiba (Brasil) e Banda Municipal da Corunha (Espanha), e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones. É frequentemente convidado para integrar júris de concursos nacionais e internacionais de saxofone e bandas.

Como maestro, dirigiu numerosas formações de sopro e percussão, nomeadamente as Bandas Sinfónicas da Guarda Nacional Republicana (Lisboa), da Covilhã e do Conservatório de Música do Porto, Orquestras de Sopros do Inatel, do Algarve e Filarmonia de Vermoim, Orquestra da União Europeia, Banda Sinfónica Portuguesa, Rundfunk-Blasorchester Leipzig (Alemanha), Banda Sinfónica de Tatuí (São Paulo, Brasil), Orquestra de Sopros da Grã-Canária, Banda Municipal de Vitória (Gasteiz e Pontevedra, Espanha), entre outras.

Nesta área, foi vencedor do 1º Prémio do II Concurso Internacional de La Sénia (Espanha) e World Music Contest em Kerkrade (Holanda) na categoria superior, este com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa, função que ocupa desde a sua fundação. Colabora em idênticas funções na Sociedade Musical Fafense.

É professor do quadro do Conservatório de Música do Porto, estando presentemente apenas a desempenhar funções como Director Pedagógico na Academia de Música de Costa Cabral – Porto. Desde 2004, é o maestro titular e director artístico da Banda Sinfónica Portuguesa.

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 de Janeiro de 2005 no Rivoli – Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio por parte da Culturporto e mais tarde da PortoLazer na divulgação e expansão do seu projecto. Em Abril de 2010, lançou o álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestra d'Harmonie* (2014), *Sinfónico com Quinta do Bill* (2015), *Trilogia Romana* (2015), estando em fase final de edição um novo trabalho, gravado em 2016, exclusivamente dedicado a obras portuguesas escritas para a BSP.

A partir de Janeiro de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução de mais de 30 obras em primeira audição.

Possibilitou, na maior parte dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, destacando-se nomes como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Jean-Yves Fourmeau, Vicente Alberola, Pierre Dutôt, Vincent David, Horácio Ferreira, entre outros. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de vários coros do Grande Porto, bem como com grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, etc.

Os objectivos da BSP passam também pela iniciativa pedagógica de levar a cabo masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção de Banda (contando já 16 edições) orientados pelos prestigiados maestros Marcel van Bree e Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha) e Eugene Corporon (EUA).

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, Douglas Bostock, José Rafael Vilaplana (Maestro Principal Convidado da BSP), Alex Schillings, Rafa Agulló Albors e Eugene Corporon dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projecto extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Foi dirigida também por maestros portugueses como Fernando Marinho, Luís Carvalho, Avelino Ramos, António Costa, Alberto Roque, Pedro Neves, João Paulo Fernandes, Hélder Tavares e José Eduardo Gomes.

Destaca-se a realização de concertos nos principais teatros de norte a sul do país, Teatro Monumental de Madrid (RTVE), e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Llaganés e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces (Espanha).

A BSP obteve o 1º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia na Catalunha (Espanha, 2008), na 1ª secção, e igualmente o 1º prémio na categoria superior (Concert Division) do 60º aniversário do World Music Contest em Kerkrade (Holanda,

2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014 realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaxing. Foi convidada a participar, em Julho de 2017, no 18º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht (Holanda), na qualidade de orquestra de referência do panorama internacional.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma Associação cultural sem fins lucrativos, apoiada pelas escolas de ensino artístico especializado Academia de Música de Costa Cabral (Porto) e Conservatório de Música do Porto, sendo financiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flautas

Herlânder Sousa
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboés

Paulo Areias
Juliana Félix
Fernanda Amorim (c. inglês)

Fagotes

Gabriel Fonseca
Pedro Rodrigues

Clarinetes

Crispim Luz
Tiago Bento
Ana Rita Petiz
Nuno Sousa
Luísa Marques
João Paiva
Alcina Azevedo
Rui Lopes
André Silva
Pedro Ramos
Edgar Silva
Hélder Tavares
Filipe Pereira (requinta)
Mário Apolinário (cl. alto)
Hugo Folgar (cl. baixo)

Saxofones**- Alto**

Gilberto Bernardes (sax. soprano)
Hugo Marinheiro

- Tenor

Isabel Anjo
Jorge Sousa (sax. alto)

- Barítono

Marcelo Marques

Trompas

Nuno Vaz
Telma Gomes
Ricardo Matosinhos
André Gomes
Hélder Vales

Trompetes

Telmo Barbosa (fliscorne)
Carlos Leite
Carlos Martinho
Guilherme Silva
João Sousa
Joana Bento

Trombones

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Fábio Moreira
Gonçalo Dias

Eufónios

Nuno Costa
Luís Gomes

Tubas

Avelino Ramos
João Soares
Jorge Fernandes

Percussão

Jorge Lima (tímpanos)
Pedro Góis
Luís Santiago
Tomás Rosa
Ricardo Frade
André Dias

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Brenda Hermida

Harpa

Erica Versace

Design de imagem

Rita Mendes